

LIVROS E PROFESSORES-AUTORES DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO PEDRO II OITOCENTISTA

Área temática: Teoría, historia y metodología de la Geografía
Márcio Ferreira Nery Corrêa
Colégio Pedro II – Departamento de Geografia
(Rio de Janeiro/ Brasil)

Resumo

O Colégio Pedro II é uma tradicional instituição de ensino no Brasil. Fundado em 1837, durante muito tempo o currículo prescrito no Colégio serviu de modelo para os demais estabelecimentos de ensino secundário do Brasil. Desde o princípio a disciplina escolar Geografia constitui-se em contínuo e ininterrupto componente curricular daquela mencionada instituição e, conseqüentemente, das demais instituições do país que a tinham como parâmetro. Em função disso, para que o ensino de Geografia servisse de instrumento para, entre outros propósitos, a inculcação patriótica necessária àquele contexto de formação da nacionalidade brasileira, alguns professores da instituição, ou mesmo professores de outras instituições que tinham o privilégio de terem seus livros adotados no Imperial Colégio, preocuparam-se em substituir os compêndios de Geografia estrangeiros por compêndios de destacada identificação nacional.

Partindo-se do pressuposto de que os livros didáticos são produtos do meio escolar ou do meio editorial elaborados para uso no ensino formal, e reconhecendo que tal instrumento de ensino foi marcante no século XIX, uma vez que as aulas eram desenvolvidas a partir da leitura de suas lições como verdadeiros condutores das aulas práticas da época, este artigo pretende fazer breve análise de duas obras, “Compendio de Geografia” (1838) e “Elementos de Geografia Moderna” (1867), a fim de ajudar a recompor o saber escolar de Geografia daquela época. A obra “Compendio de Geografia” foi escrita por conhecido político e jornalista dos oitocentos, Justiniano José da Rocha, primeiro professor de Geografia da referida Instituição, enquanto “Elementos de Geografia Moderna” foi escrito pelo primeiro Cátedra exclusivo da Cadeira de Geografia e Cosmografia do Colégio Pedro II, já no último quartel do século XIX.

Pretende-se propor neste artigo não apenas uma necessária análise descritiva do conteúdo dos mencionados livros, senão também uma abordagem imbricada que identifique o contexto da produção intelectual do saber geográfico e a conjuntura política permeada de valores e conceitos de época. Acredita-se que, nesse sentido, o estabelecimento de uma relação entre obra e conjuntura política e intelectual se coloca como importante instrumento de análise da Geografia Escolar em sua dimensão histórica.

O resgate das práticas e saberes dos professores-autores daquela instituição através dos primeiros livros didáticos adotados no sistema escolar brasileiro ajudam a compreender o processo de construção da “cultura escolar” da disciplina geografia e os traços mais marcantes da sua vulgata, isto é, dos seus componentes curriculares históricos, tradicionais.

Palavras-chave

Livros Didáticos – Geografia Escolar – Século XIX

Introdução

A pretensão de resgatar a natureza dos livros didáticos em Geografia durante o século XIX não é original. Tampouco é novidade o fato de se correlacionar o ensino de geografia ao exercício pedagógico/ideológico da inculcação patriótica. Também já há trabalhos bastante significativos que evidenciam a história intelectual de uma personalidade envolvida com a autoria de um livro de geografia. Ainda assim, mesmo que trabalhos dessa ou de outra natureza existam, jamais é prudente asseverar o esgotamento de um assunto. O fato é que a tradição da pesquisa documental entre

geógrafos no Brasil ainda não está plenamente formada e muito menos consolidada. Pode-se dizer que há trabalhos de fôlego, mas esses também não lograram dar o assunto da geografia escolar oitocentista por encerrado.

É com base nessa constante busca por fatos novos ou por inéditas interpretações que se pretende apresentar neste artigo duas obras didáticas desconhecidas dos estudos contemporâneos. Crê-se não serem obras vulgares, pelo simples fato de terem sido escritas por intelectuais orgânicos inseridos num longo e peculiar período da História Sociopolítica do Brasil: o da formação, consolidação e declínio do Estado Imperial Brasileiro.

As obras “Compendio de Geographia” e “Elementos de Geographia Moderna” são fruto do trabalho de dois ex-professores do Imperial Colégio de Pedro II, o mais importante educandário de ensino secundário do Brasil durante, principalmente, o século XIX. A primeira das obras foi escrita por um dos nomes mais conhecidos da política e da imprensa nacional durante os anos 30, 40 e 50 do século XIX: Justiniano José da Rocha. A segunda obra foi escrita por Pedro José de Abreu, que não era nome de projeção equivalente à do autor da primeira obra, porém, ainda assim se trata de alguém relevante em seu meio profissional pelo simples fato de ter sido o primeiro professor catedrático da cadeira de Geografia do Imperial Colégio, o que para o contexto dos oitocentos era uma grande novidade, já que era rara uma cátedra exclusiva para a Geografia no Brasil.

Com relação à primeira personalidade aqui mencionada, muito se tem a falar. Homem de vasta e rica biografia, a *vida e a obra* de Justiniano da Rocha parecem ser relativamente fáceis de serem verificadas através de volumosas contribuições a seu respeito. O mesmo não se pode falar de Pedro José de Abreu. O que realmente se destaca neste último caso é a longevidade de sua obra didática de geografia. Foram, pelo menos, 8 edições publicadas durante vários anos, todas elas incluídas na lista de obras adotadas oficialmente no Imperial Colégio ao longo de um período de cerca de trinta anos.

Antes da descrição e análise das obras selecionadas, acredita-se ser importante fazer uma breve apresentação do Colégio Pedro II oitocentista, dos professores de geografia que lá lecionaram e das demais obras didáticas ali oficialmente adotadas, a fim de justificar, em parte, o porquê da escolha de apenas as duas obras didáticas anunciadas, e não de outras. Após essa breve apresentação da mais importante instituição de ensino secundário do país ao longo do século XIX, seguem-se a descrição e análise das obras escritas por Justiniano da Rocha e Pedro José de Abreu.

O Colégio Pedro II Oitocentista: breves comentários históricos

O nome oficial do Colégio Pedro Segundo no século XIX era “Imperial Collegio de Pedro II”, em ortografia de época. O Colégio foi fundado em dois de dezembro de 1837, pelo então Ministro de Negócios do Império, Bernardo Pereira de Vasconcellos, no Gabinete do regente Pedro de Araújo Lima, o Marquês de Olinda. Ambos pertenciam ao Partido Conservador, um dos dois únicos partidos oficiais naqueles anos 1830, responsável por forjar ideologicamente um projeto específico de Estado brasileiro.

Os conservadores comungavam da ideia de um Estado uno, centralizado, dotado de um forte aparelho político-gestor e ideológico. Foi nesse bojo que o “Imperial Collegio de Pedro II” surgiu, homenageando o representante do regime monárquico, regime este representativo dos interesses de classe – a dos grandes proprietários de terra e de escravos, que buscavam na manutenção da monarquia a garantia da integridade territorial¹ e da inserção do país recém-independente no contexto político internacional². Também foi nesse contexto que surgiu o primeiro quadro de professores e de demais funcionários. Desde o princípio o ensino de geografia foi julgado como

¹ Cf. MAGNOLI, Demétrio. *O Estado em Busca do Seu Território*. Terra Brasilis, Rio de Janeiro, Anos III-IV, N. 4-5 – Território, 2002-2003.

² MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema: a Formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994.

oportuno para compor o currículo naquela Instituição, seguindo o modelo prussiano, conforme proferiu certa feita o próprio mentor da Instituição, Bernardo Pereira de Vasconcellos³.

O que destacou o “Pedro II” naquele contexto foi o fato de, além de ter sido fruto de uma iniciativa integralmente estatal, ter sido estabelecido como modelo oficial para os demais estabelecimentos de ensino secundário do Brasil⁴. A Instituição nascia com a força de um projeto estatal de nação, e enquanto tal incorporava uma série de novidades que viriam a caracterizar o ensino secundário nessa época e nos anos vindouros, a saber: ensino regular e seriado, ao invés dos cursos avulsos anteriores à sua existência institucional; política de incentivo, o tanto quanto possível, à publicação de livros genuinamente nacionais, ao invés da manutenção de importações de manuais didáticos estrangeiros⁵; adoção de modelo de currículo baseado na tradição das humanidades clássicas⁶; entre outras características consolidadas ao longo dos oitocentos, como a política de isenção de exames de admissão aos alunos bacharéis em “ciências e letras” do Colégio, no caso de acesso aos cursos superiores da época (Faculdades de Direito e de Medicina e Escolas Militares, Politécnicas).

Naquela Instituição a Geografia se constituía em lições específicas distribuídas irregularmente entre algumas séries do curso secundário, ministradas, durante o período de 20 anos (1838 a 1858), por um professor que ocupava a cadeira de História e Geografia. Ou seja, em 1838, primeiro ano letivo do Colégio, ao invés de haver um professor para as lições de Geografia e outro para as de História, havia um único titular de uma cadeira oficialmente denominada “Geographia e História Antiga e Romana”. Quem a ocupou inicialmente foi Justiniano José da Rocha, a convite do próprio Bernardo Pereira de Vasconcellos. Este último, em tempos de frequente instabilidade política durante o período regencial, contou com a pena colaborativa do então jornalista Justiniano, que publicava artigos em prol da causa conservadora, tendo feito isso até os dois primeiros decênios do Segundo Reinado. Foi assim que Bernardo de Vasconcellos garantiu ao aliado um emprego de professor na embrionária instituição educacional⁷.

Após Justiniano, vieram vários outros professores a ocupar a cadeira de Geografia e História, sendo que o nome desta última mudou algumas vezes, até que em 1858 as cadeiras de Geografia e História foram definitivamente divididas, dando início à Cátedra exclusiva de Geografia, quando então passa a ser ocupada por Pedro José de Abreu.

Veja, a seguir, um quadro contendo a identificação das cadeiras responsáveis pelo ensino das lições de Geografia e dos professores que as ocuparam no Colégio Pedro II durante o século XIX:

QUADRO 1 - RELAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO COLÉGIO PEDRO II DURANTE O SÉCULO XIX			
Professor	Período de exercício	Nome da cadeira/cátedra	Disciplina lecionada
Justiniano José da Rocha	1838-1840	Geografia, História Antiga e História Romana (1838-1840)	Geografia (1838-1840)
	1840	História Geral, História Pátria , Geografia e Cronologia (1840)	
Marcellino José da Ribeira Silva Bueno	1840-1842	História Geral, História Pátria , Geografia e Cronologia (1840)	Geografia descritiva (1841-1842)
Lino Antonio Rebello	1841-1849	Matemática	Geografia Matemática e Cronologia (1841-1848)
			Geografia Astronômica e Cronologia(1849)
Carlos Roberto (Barão de Planitz)	1842-1847	(Interino) Geografia e História	Geografia descritiva (1842-1847)
João Baptista Calógeras	1847-1849	Geografia e História (por concurso)	Geografia descritiva (1847-1849)

³ DÓRIA, Escragnoelle. *Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997; HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Brasil Império*. São Paulo: Ed. USP, 2008.

⁴ HAIDAR (*Op. Cit.*).

⁵ DÓRIA (*Op. Cit.*).

⁶ Cf. CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. *As Humanidades no Ensino*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, jul/dez. 1999.

⁷ CARDIM, Elmano. *Justiniano José da Rocha*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1964 (Série Brasileira, volume 318). (1964).

	1849	Geografia, História Média e Moderna, e História do Brasil	Geografia (1849)
Joaquim Manoel de Macedo	1849-1850	Geografia e História Antiga	Geografia Antiga (1849-1850)
	1850-1857	Geografia e História Moderna e Média	Geografia (1850-1857)
Camillo de Montserrat	1850-1855	Geografia e História Antiga	Geografia Antiga (1850-1855)
João Antonio Gonçalves da Silva	1855-1857	Geografia e História Antiga e Média	Geografia Antiga (1855-1856)
			Geografia e História Antiga (1857-1858)
Pedro José de Abreu	1857-1891	Cátedra de Geografia (Internato e Externato)	Geografia (1858-1891?)
			Geografia e Cosmografia (1862-1876/1882-1891)
			Elementos de Geografia (1877)
			Cosmografia (1878-1881)
			Noções de Geografia (1882-1891)
José Manoel Garcia	1870	(Interino) Português, Aritmética e Geografia do 1o ano do Externato	Geografia (1870)
Manoel Olympio Rodrigues da Costa	1874-1881	Português, Geografia e Aritmética do 1o ano do Externato	Geografia (1874-1889)
	1881-1889	Português, Noções de Geografia, Aritmética prática e Nomenclatura geométrica	
Carlos Maximiano Pimenta de Laet	1873-1891	(Concurso) Português, Geografia e Aritmética do 1o ano do Internato	Geografia (1873-1891)
José Zeferino de Meneses Bresser	1876	(Interino) Geografia e Cosmografia (Internato)	Geografia e Cosmografia (1876)
Francisco José Xavier	1876-1879	(Interino) Geografia e Cosmografia (Internato)	Geografia (1876-1879)
			Geografia e Cosmografia (1876-1879)
	1879-1892	(Concurso) Geografia e Cosmografia (Internato)	Geografia (1879-1892)
			Geografia e Cosmografia (1879-1891)
	1892-1893	Geografia (1o Externato)	Geografia (1892-1893)
Geografia e Cosmografia (1892-1893)			
Ernesto de Sousa de Oliveira Coutinho	1876-1879	(Interino) Geografia e Cosmografia (Internato)	Geografia (1876-1879)
			Geografia e Cosmografia (1876-1879)
Alfredo Alvarez de Azevedo Macedo	1876-1879	(Substituto interino) Geografia e Cosmografia (Externato)	Geografia (1876-1879)
João Maria da Gama Berquó	1879-1891	(Substituto por concurso) Geografia e Cosmografia e História	Geografia (1879-1891)
			Cosmografia (1879-1881)
			Noções de Geografia (1882-1891)
			Geografia e Cosmografia (1882-1891)
	1891-1894	Geografia (Externato)	Geografia (1891-1894)
			Noções de Geografia (1891-1892)
Geografia e Cosmografia (1891-1894)			
Evaristo Nunes Pires	1880	(Substituto interino) Geografia, Cosmografia e História	Geografia (1880)
			Cosmografia (1880)
	1891	(Interino) Geografia (Externato)	Noções de Geografia (1891)
			Geografia e Cosmografia (1891)
João Coelho Gonçalves Lisboa	1890-1893	(Substituto interino) Geografia e Cosmografia	Geografia (1890-1893)
			Noções de Geografia (1890-1892)
			Geografia e Cosmografia (1890-1893)
	1894-para além de 1900	(Catedrático) Geografia	Geografia (1895-1897)
			Geografia do Brasil e Cosmografia (1895-1897)
Geografia (1898-1899)			

			Geografia do Brasil (1898-1899)
Augusto Daniel de Araujo Lima	1893	(Interino) Geografia (Externato)	Geografia (1893)
			Geografia e Cosmografia (1893)
Alfredo Moreira Pinto	1894	(Interino) Geografia (Externato)	Geografia (1894)
			Geografia e Cosmografia (1894)
Carlos Jorge Saclaberry	1897	(Interino) Geografia (Externato)	Geografia (1897)
			Geografia do Brasil e Cosmografia (1897)
	1899	(Interino) Geografia (Externato)	Geografia (1899)
			Geografia do Brasil (1899)
	1900	(Interino) Geografia (Externato)	Geografia (1900)
Geografia do Brasil (1900)			

Fonte: Livros de Matrícula do Colégio Pedro II, 1838-1852/1838-1856/1880-1890/1858-1909.

Ao longo do século XIX e, em particular, durante o Segundo Reinado, os livros adotados nas aulas/lições de Geografia estão esmiuçados no quadro abaixo:

QUADRO 2 – LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA ADOTADOS OU RECOMENDADOS PARA USO NO IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO SEGUNDO AO LONGO DO SÉCULO XIX:			
Anos de Reforma	Livro, Atlas, entre outros.	Séries Escolares	Nome da Matéria
1838-1849	> "Compendio de Geographia", por Justiniano José da Rocha.	6o, 7o e 8o Anos (de 1838 a 1840)	Geografia
		2o, 3o, 4o, 5o, 6o e 7o Anos (de 1841 a 1849)	Geografia Descritiva
1850-1855	Oficialmente não há nenhuma prescrição de livros para esse período.	2o, 3o, 4o, 5o e 6o Anos	Geografia
		7o Ano	Geografia Antiga
1856-1857	> "Manuel du baccalauréat" (ed. Última para uso dos leceus de Paris) > "Atlas Delamarche".	5o Ano.	Geografia e História Antiga
		6o Ano	Geografia e História da Idade Média
1858-1861	> Mapa Cosmográfico e Mapa Mundi muraes. > Atlas Delamarche	1o Ano	Geografia
		2o e 3o Anos	Geografia
1862-1870	> "Postillas" impressas do Professor (Pedro José de Abreu). > Atlas Delamarche. > "Postillas" impressas do Professor (Pedro José de Abreu). > "Postillas" impressas do Professor (Pedro José de Abreu).	1o Ano	Geografia
		2o, 3o Anos	Geografia
		4o Ano	Geografia e Cosmografia
1870	> "Elementos de Geographia moderna", por Pedro José de Abreu. > "Elementos de Cosmographia", por Pedro José de Abreu.	1o e 2o Anos	Geografia Descritiva
		7o Ano	Cosmografia
1877	> "Pequeno Atlas Geral", edição de Alillaud. > "Elementos de Geographia moderna", por Pedro José de Abreu. > "Atlas Delamarche".	1o Ano	Geografia
		3o Ano	Geografia
1878-1881	> "Elementos de Geographia moderna", por Pedro José de Abreu. > "Atlas Delamarche". > "Elementos de Cosmographia", por Pedro José de Abreu.	1o e 2o Anos	Geografia
		6o Ano	Cosmografia
1882-1891	> "Pequena geographia", por Joaquim Maria de Lacerda (provisoriamente). > "Geographia", por Pedro José de Abreu. > "Geographia e Cosmographia", por Pedro José de Abreu. > "Atlas Delamarche".	1o Ano	Noções de Geografia
		3o Ano	Geografia
		4o Ano	Geografia e Cosmografia

Fonte: VECHIA, Ariclê; LORENZ, K. M. *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Edição própria, 1998; *Relatório do Ministério do Império apresentado à Assembleia Geral (1839)*.

É bom ressaltar que as obras didáticas de Geografia aqui destacadas careciam de mapas, e no que tange à cartografia escolar, as obras adotadas ao longo do século XIX também se encontram acima explicitadas.

Há frontispícios de obras didáticas de Geografia do século XIX que asseguram terem sido adotados no Colégio Pedro II. É o caso da obra “Elementos de Geographia”, de Thomaz Pompeo de Souza Brazil, o Padre Pompeo, como era conhecido. De fato, sua obra foi recomendada nos programas de ensino de 1856, 1858 e 1862, mas não propriamente para as lições de Geografia, e sim para as de História Pátria (1856) e Corografia e História do Brasil (1858 e 1862)⁸. E há nisso algo importante a ser salientado, posto que nessa época os professores de Geografia e de Corografia e História do Brasil eram de cadeiras distintas. As lições de Geografia previstas no Programa de Ensino de 1862, conforme se vê no quadro, baseavam-se, inicialmente, nas “Postillas” do Cátedra da Cadeira de Geografia, Pedro José de Abreu, que as compilou em obra denominada “Elementos de Geographia Moderna”, publicada inicialmente nos anos 1860 e recomendada oficialmente nos programas dos anos 1870, 1880 e, até, do ano de 1895. Já as lições de Corografia e História do Brasil eram de responsabilidade do professor catedrático da Cadeira de História e Corografia do Brasil, que durante muito tempo fora o romancista Joaquim Manoel de Macedo.

Conforme se pode ver, entre a extensa lista de professores e de obras adotadas oficialmente no Imperial Colégio de Pedro II, destacam-se como fruto direto do trabalho dos professores da casa apenas a obra escrita por Justiniano da Rocha, adotada entre 1838 e, pelo menos, 1850, e a de Pedro José de Abreu, adotada inicialmente em formato de “Postilla” já nas recomendações do Programa de Ensino de 1858 – quando então se institucionaliza a Cadeira de Geografia enquanto cátedra autônoma do Colégio e quando Pedro José de Abreu começa a ocupá-la –, e depois recomendada oficialmente até 1895 em formato acabado de obra didática denominada “Elementos de Geographia” ou, em edições posteriores, “Elementos de Geographia e de Cosmographia”.

Justiniano José da Rocha e sua obra didática: *Compendio de Geographia*

A obra escrita por Justiniano da Rocha em 1838, e republicada em segunda edição em 1850, foi mencionada tanto por Bernardo Pereira de Vasconcellos em sua política de incentivo à produção de obras nacionais durante a formação do primeiro quadro docente do Colégio Pedro II, quanto pelo próprio frontispício da obra de Justiniano, em que se encontra o trecho “Compendio de Geographia, offerecido ao Governo de S.M.I. em 1838 e por elle aceito para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II”. De fato, assim confirma o Relatório do Ministério do Império apresentado à Assembleia Geral: “O Bacharel Justiniano José da Rocha offereceo em manuscrito hum Compendio por elle composto para o ensino da Geographia no dito Collegio”⁹.

Vale ressaltar que a primeira edição da obra escrita por Justiniano fora objeto de crítica por parte dos políticos de oposição (Partido Liberal) que compunham a Assembleia Geral do Império. As críticas eram prioritariamente direcionadas à iniciativa do Governo (Gabinete Conservador) – ou seja, da Pasta dos Negócios do Império – ao transformar o antigo educandário-orfanato *Seminário de São Joaquim* em *Imperial Collegio de Pedro II*. Depois, todos os pormenores administrativos e pedagógicos do recém-fundado Colégio entraram no rol das críticas, inclusive a recomendação de determinadas obras didáticas consideradas depositárias de graves problemas.

Entre as obras criticadas havia uma, em particular, selecionada a dedo: “Compendio de Geographia”, de Justiniano da Rocha. Ora, Justiniano fora uma das personalidades mais polêmicas

⁸ Vechia & Lorenz (*Op. Cit.*).

⁹ *Relatório do Ministério do Império apresentado à Assembleia Geral* (1839:16).

Nos Programas de Exame publicados pelo Colégio Pedro II em 1849 e em 1850 não há recomendação oficial da obra, porém, o comentário de Justiniano na 2ª edição da obra publicada assevera que a mesma teria servido ao Colégio ao longo de 12 anos, ou seja, de 1838 a 1850, pelo menos. Acredita-se também que o então professor da ocasião, Joaquim Manoel de Macedo, admirador de Justiniano (Cf. Cardim, *Op. Cit.*), teria mantido o uso da mesma na aplicação das lições de Geografia durante o tempo em que esteve sob a regência das lições de Geografia, ou seja, entre 1850 e 1857. Mas isso é uma hipótese.

daquela época de formação e consolidação do Estado Imperial Brasileiro. Correligionário fiel do Partido Conservador até o fim de sua vida (1862), e por isso reconhecido por sua nítida orientação política¹⁰, Justiniano tinha vocação jornalística, apesar de advogado formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, pondo o seu admirável talento¹¹ na defesa dos valores conservadores de sociedade e de Estado brasileiros e tendo sido, por isso, segundo seu biógrafo Elmano Cardim (1964), “uma indiscutível influência nos acontecimentos políticos que se desenrolaram no país”¹². Foi assim que, em contato com nomes de relevo como os de Bernardo Pereira de Vasconcellos, logrou cargos de destaque na máquina pública, como, por exemplo, o de Diretor do *Correio Oficial* e o de primeiro Professor de História e Geografia do Imperial Colégio, além de ter sido Deputado pela Província de Minas Gerais.

A primeira edição de “Compendio de Geographia” é objeto em extinção. As provas de sua existência encontram-se tanto nas atas das sessões do Senado¹³, quando é objeto de críticas, quanto no próprio prefácio da 2ª edição, cujo teor é uma resposta-desabafo de Justiniano às críticas recebidas:

Instalado o imperial colégio de Pedro II, em 1838, encarregou-me o seu fundador, o Sr. Bernardo Pereira de Vasconcellos, então ministro interino dos negócios do império, de nele ensinar geografia e história.

A falta de livros elementares em vulgar que auxiliassem as minhas lições, e que eram indispensáveis, especialmente atendendo à pouca idade e ao conseqüente acanhamento intelectual dos meus alunos, foi o primeiro obstáculo que encontrei. Para suprir essa falta, consultando mais a minha vontade do que as minhas forças, no meio das multiplicadas obrigações a que tinha de acudir. Em poucos dias apresentei um compêndio.

Não me guiará o espírito de lucro – o que muito avultado poderia ter colhido desse opúsculo –, e pois generosamente ofertei o meu trabalho ao governo: a oferta foi aceita, e uma edição do meu compêndio foi dada ao colégio de Pedro II.

Nunca tive em mira elogios e recompensas dos homens, mas sempre o pensamento de ser útil: o meu trabalho não me foi agradecido nem recompensado; de que porém foi útil é-me sobejo prova o ter ele por espaço de doze anos servido às lições de um colégio de primeira ordem, colocado sob a vigilância do governo, que nem sempre me tem sido amigo, e administrado por autoridades que me são mais infensas do que favoráveis.

Se nem interesse, nem louvor, nem agradecimento tirei do meu trabalho, de sobejo colhi desgostos, insultos e baldões. Não se me desculpou um só dos muitos erros que a precipitação do primeiro trabalho tornava inevitáveis; não se teve em conta o meu zelo, e até em razão dele fui deprimido, insultado... ficou-me só a consolação de ver que nem censores, nem detratores, nem insultadores, reconheceram que, já que o meu compêndio não prestava, fácil lhes era fazer outro, e deixar em justo olvido o meu temerário esforço.

Nada fizeram: e de o meu trabalho, com todos os seus erros e lacunas não houvesse existido, ainda hoje a mocidade brasileira estaria obrigada a mendigar insignificantes noções geográficas em um livrinho feito para os meninos das escolas primárias francesas, vertido em vulgar por um livreiro especulador de Paris.

Achando-se esgotada a edição que demos ao colégio de Pedro II, outra preparamos refundindo o nosso primeiro trabalho, completando-o e depurando-o de alguns erros que na primeira edição se introduziram.

Como ainda continua a mesma falta de livros elementares, não já bons, porém ao menos sofríveis, que há doze anos se logra, e que talvez ainda por muitos doze anos se tenha de sofrer, ofereço à mocidade estudiosa este opúsculo: possa ele ser-lhe de algum proveito.

(ROCHA, Justiniano da. *Compendio de Geographia*. Rio de Janeiro: Typ. do Brasil, 1850)

O governo, “que nem sempre me tem sido amigo”, explica o contexto da época: a grande volatilidade dos cargos políticos e as constantes mudanças de legenda partidária. Justiniano era

¹⁰ Verdadeiro “Intérprete de um partido, sem nunca haver abandonado as suas fileiras (...)”. (CARDIM, 1964: 1-2)

¹¹ Segundo Barão do Rio Branco, “Foi o primeiro dos jornalistas brasileiros do seu tempo”. (CARDIM, 1964: 6)

¹² Cf. (CARDIM, 1964:2).

¹³ Particularmente na Ata da Sessão de 8 de outubro de 1839 aparecem críticas mais severas provenientes do Marquês de Paranaguá, apontando a ineficácia de certos compêndios adaptados ao Colégio, como os de Geometria e de Geografia. Os historiadores Maria Haidar (*Op. Cit.*) e Escragnole Doria (*Op. Cit.*) também assinalam o episódio.

exceção na medida em que seu jornalismo político manteve lealdade ao Partido Conservador. O conjunto de seu pensamento aparece em vários de seus escritos, inclusive em suaves pitadas na sua obra didática de Geografia. O que equivale dizer que a obra de Justiniano José da Rocha contém significativas doses de originalidade, e não somente cópia/ tradução de obras nacionais ou mesmo estrangeiras, como se é de imaginar na análise do conteúdo da obra. Veja, por exemplo, a seguir, a listagem de conteúdo (em ortografia original) encontrada na obra desprovida de sumário e/ou índice:

LISTA DE ASSUNTOS DA 2ª EDIÇÃO (1850) DO “COMPENDIO DE GEOGRAPHIA” DE JUSTINIANO DA ROCHA

- *PREFÁCIO*
 - *NOÇÕES PRELIMINARES*
 - *DIVISÃO DA GEOGRAPHIA*
 - *GEOGRAPHIA MATHEMATICA*
 - *COSMOGRAPHIA*
 - *DIFERENÇA DOS ASTROS*
 - *DO SOL*
 - *DOS PLANETAS*
 - *DA TERRA COMO PLANETA*
 - *MOVIMENTOS DA TERRA*
 - *SATELLITES; A LUA*
 - *DOS ECLIPSES*
 - *DOS COMETAS*
 - *ATTRACÇÃO E REPULSÃO*
 - *EIXO, POLOS, PONTOS CARDEAES*
 - *REVOLUÇÃO ANNUA DAS ESTAÇÕES*
 - *DURAÇÃO DO DIA E DA NOITE*
 - *CLIMAS DE MEIA HORA*
 - *CIRCULOS TRAÇADOS NA TERRA: ESPHERA*
 - *O EQUADOR*
 - *O MERIDIANO*
 - *O HORIZONTE*
 - *POSIÇÕES DA ESPHERA*
 - *DO ZODIACO, E DOS SIGNOS*
 - *DOS COLUROS*
 - *DOS TROPICOS, E DOS CIRCULOS POLARES*
 - *ZONAS*
 - *LATITUDE E LONGITUDE*
 - *LATITUDE NA TERRA*
 - *LONGITUDE NA TERRA*
 - *GLOBOS E CARTAS*
 - *LATITUDES E LONGITUDES NO GLOBO*
 - *DIFERENÇA NA EXTENSÃO DOS GRÁUS*
 - *DOS ANTIPODAS, PERIECIOS, E ANTECIOS*
 - *DAS TERRAS: SUAS DIVERSAS FORMAS, E NOMES*
 - *PRODUÇÕES DA TERRA*
- *PRELIMINARES DE GEOGRAPHIA POLITICA: O HOMEM*
 - *LINGUAS*
 - *RELIGIÕES*
 - *GOVERNOS*
 - *CIVILISAÇÃO*
- *GEOGRAPHIA*
 - *DIVISÃO DA TERRA*
 - *GEOGRAPHIA ANTIGA*
 - *ANTIGO CONTINENTE: A EUROPA*
 - *SUECIA E NORUEGA*
 - *Laponia*
 - *DINAMARCA*
 - *RUSSIA*
 - *Polonia*
 - *PAYZES-BAIXOS*
 - *Hollanda*
 - *Belgica*
 - *ALLEMANHA*
 - *CIDADES LIVRES, BAVIERA, E SAXONIA.*
 - *Baviera*
 - *Saxonia*
 - *PRUSSIA*
 - *AUSTRIA*
 - *GRÃA-BRETANHA*
 - *Inglaterra*
 - *Escossia*
 - *Irlanda*
 - *FRANÇA.*
 - *SUISSA*
 - *PENINSULA IBERICA*
 - *Hespanha*
 - *Portugal*
 - *ITALIA.*
 - *Sardenha*
 - *Reino Lombardo-Veneziano*
 - *Toscana*
 - *Estados Pontificios*
 - *San-Marino*
 - *Napoles, ou Duas*
 - *Sicilia*
 - *Malta*
 - *GRECIA.*
 - *ILHAS JONIAS*
 - *TURQUIA*
- *PRELIMINARES DE GEOGRAPHIA PHYSICA: A ATHMOSPHERA*
 - *PEZO DO AR, BAROMETRO*
 - *OS VENTOS*
 - *VAPORES E MAIS FLUIDOS*
 - *DOS METEOROS*
 - *ASPECTO GERAL DA TERRA: DAS AGUAS*
 - *MOVIMENTO DOS MARES*
 - *DOS RIOS E LAGOAS*

- ASIA
 - TURQUIA ASIÁTICA
 - PERSIA
 - ARABIA
 - RUSSIA ASIÁTICA
 - TARTARIA INDEPENDENTE
 - AFGHANISTÃO
 - *Belouchistão*
 - INDIA ORIENTAL
 - INDOSTÃO
 - INDIA, TRANSGANGETICA, OU INDO-CHINA.
 - CHINA.
 - JAPÃO
 - ILHAS ASIÁTICAS DO OCEANO PACIFICO
- AFRICA.
 - BARBARIA
 - EGYPTO
 - COSTA ORIENTAL
 - BOA ESPERANÇA
 - COSTA MERIDIONAL
 - COSTA OCCIDENTAL
 - NIGRÍCIA
 - ILHAS DA AFRICA
- A AMERICA
 - IMPERIO DO BRAZIL
 - REPUBLICA DO URUGUAY
 - REPUBLICA DA ARGENTINA
 - PARAGUAY
 - CHILE
 - BOLIVIA
 - PERU
 - COLUMBIA, VENEZUELA E EQUADOR
 - GUYANAS
 - PATAGONIA
 - MEXICO
 - ESTADOS UNIDOS
 - NORTE DA AMERICA
 - ANTILHAS OU INDIAS OCCIDENTAES
 - PEQUENAS ANTILHAS
- OCEANIA
 - AUSTRALIA
 - POLYNESIA

→ ADVERTENCIA.

A seleção dos conteúdos acima, bem como o tratamento que a eles foi dado, certamente reflete o contexto intelectual no qual Justiniano estava inserido e a natureza da Geografia Clássica da época, pautada principalmente pelo teor descritivo de algumas de suas lições. Sobre o caráter intelectual, o autor em questão tivera sólida formação básica no curso de Humanidades do *Collège Henri IV*, na França, quando então foi enviado àquele país pelos pais, aos doze anos de idade, em, aproximadamente, 1824. A habilidade adquirida com o idioma francês foi capaz de ter-lhe facilitado o contato com obras estrangeiras, chegando mesmo a traduzir algumas delas, como a “*Coleção de Fábulas Imitadas de Esopo e de La Fontaine*, em prosa, para servir como livro de leitura nas escolas (...)” ou mesmo “*História Antiga*”, de Poisson e Cayx e “*História Romana*”, de Rezoir e Dumont, adotados no Colégio Pedro II. Na volta ao Brasil, cursou a Faculdade de Direito de São Paulo entre 1829 e 1833, saindo advogado, embora mais inclinado à labuta de jornalista. “Seu nome começa a aparecer no panorama nacional, quando, aos 24 anos, funda o primeiro jornal para o início da sua gloriosa carreira de imprensa”¹⁴.

Foi então como jornalista que Justiniano passou a despontar nos círculos políticos e a se inserir em cargos e posições de destaque. Assim, além de ter sido indicado para lecionar Geografia e História no Colégio de Pedro II, no mesmo ano (1838) passara a fazer parte do primeiro quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁵, fundado naquele ano. Justiniano permanecera neste âmbito acadêmico sem se destacar demasiadamente nos anais dessa “confraria de ilustrados”. Porém, esse ambiente certamente lhe favoreceu o contato com os relatos de expedições de exploração ao território, com obras didáticas ou científicas de geografia de outros países e com tantas outras obras úteis disponíveis na biblioteca do IHGB, tudo amplamente divulgado nos relatórios da Seção de Geografia do Instituto, que eram publicados em sua Revista desde 1838. Isso significa dizer que o envolvimento de membros do mencionado Instituto à dinâmica de produção acadêmica do conhecimento (geográfico, histórico, etnográfico ou outros) não se constituía em regra para os sócios efetivos, porém, participar de suas assembleias fazia parte

¹⁴ CARDIM (1964:11).

¹⁵ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1838).

da programação social, em que a liturgia contava, inclusive, com a presidência do então Imperador Dom Pedro II¹⁶.

Talvez um grande destaque que Justiniano teve naquele âmbito acadêmico tenha acontecido quando ele foi nomeado, na 5ª Sessão, em 16 de fevereiro de 1839, para a função de parecerista *ad hoc* da obra “Le Brésil”, de Ferdinand Denis, publicada em 1837¹⁷. Isso mostra o contato permanente do autor com atualizadas obras, nacionais ou estrangeiras, incluindo as de Geografia.

Além do ambiente acadêmico do IHGB, o contato de Justiniano com o âmbito político-administrativo lhe facilitava o acesso a dados atualizados da administração pública. Isso fica claro no final da obra “Compendio de Geographia”, quando, na seção “ADVERTENCIA”, ele tece alguns esclarecimentos quanto a dados estatísticos encontrados no corpo da obra:

Para determinar a população do Brazil servimo-nos do mappa anexo ao relatorio do Exm. Ministro do império, apresentado este anno á câmara. Póde-se entretanto conservar a mais justa desconfiança dos seus algarismos. – Todas as dadas numericas são extrahidas dos mais recentes documentos officiaes.

Para a população dos de mais estados, guiamo-nos por tractados geográficos que, escriptos em 1836, devem necessariamente estar hoje abaixo do numero exacto, especialmente para os da Europa; pois, como se sabe, a população desses estados vae anualmente augmentando.

De facto, o almanack de Gotha do anno passado, que se sabe quão accuradamente é feito, apresenta em todas as suas dadas relativas a população um grande excesso sobre os nossos números. Como todavia conservam entre si os nossos algarismos uma tal ou qual relação, conservamo-los com essa advertência, e fácil será emendal-os, consultando o mencionado almanack.

(ROCHA, Justiniano da. *Compendio de Geographia*. Rio de Janeiro: Typ. do Brasil, 1850)

Muito além do trecho acima, há outros trechos do corpo da obra que explicitam a visão e a experiência peculiar de Justiniano sobre alguns assuntos, demonstrando a originalidade de sua obra e a sua intenção inculcadora na formação dos filhos da elite brasileira matriculada no Imperial Colégio. Nesse sentido, destacam-se alguns temas que podem ser comentados logo abaixo:

Geographia: a ciência da descrição da Terra

Justiniano começa sua obra apresentando o que chama de “Noções Preliminares”, uma ampla noção da Geografia da época, encontrada em outras obras didáticas, estrangeiras ou nacionais. Uma Geografia Clássica baseada no resgate do método descritivo de Estrabão (Geografia Descritiva) e na Geografia Matemática de Ptolomeu. É assim que o autor expõe a “Divisão da Geografia”:

Geographia é a sciencia da descipção da terra.

A terra póde ser considerada debaixo de varios aspectos: a descripção de cada um delles fórma uma parte da geographia; e sendo trez os principaes desses aspectos, segue-se que são tambem trez as partes principaes da sciencia.

1º. Ou consideramos a terra como parte integrante do universo, tendo affinidades e relações com o todo a que está ligada, e então é a sua descripção essencialmente dependente das sciencias mathematicas, e por isso chama-se geographia mathematica:

2º. Ou consideramos a terra em si mesma, cortada de rios, dividida por mares, abaixada em valles, levantadas em montanhas, povoada por animaes de toda a casta; e então chama-se geographia physica:

3º Ou finalmente consideramos a terra em relação com seu principal habitante, o homem; retalhada em nações, governada por leis, costumes, religiões diversas; e chama-se então geographia politica.

Subdivide-se cada uma dessas divisões em tantas ramificações, quantos são os assumptos que abrange; a geographia physica v.g. divide-se em hydrographia, quando descreve as aguas, em chorographia, quando descreve as regiões; basta-nos porêm advertir que, de qualquer modo que consideremos a terra descrevel-a, achar-nos-emos sempre dentro de alguma das trez grandes classificações que havemos feito, e a que tudo se subordina.

¹⁶ SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

¹⁷ Cf. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839).

A Geografia Escolar oitocentista – considerada mnemônica e, portanto, enfadonha e passível de críticas –, passa a ser completada por conteúdos de teor mais analítico já na transição do século XIX para o XX. Ainda assim é evidente que muitos dos componentes curriculares da disciplina se constituíram em verdadeira tradição¹⁸. É o caso de conteúdos como “Movimentos da Terra”, “Eixo, polos, pontos cardeais”, “Latitude e longitude”, entre outros, todos inseridos no que no século XIX denominava-se Geografia Matemática ou Cosmografia.

Os valores da ordem e da civilização na formação da nacionalidade e do território brasileiros

Algumas palavras – ou melhor, conceitos – aparecem recorrentemente nos discursos conservadores durante o processo de formação do Estado Imperial Brasileiro. É o caso, por exemplo, dos termos *Ordem* e *Civilização*. Tratava-se de palavras utilizadas para antagonizar aos movimentos de descentralização político-administrativa defendidos pelos liberais, normalmente contrapostas e associadas pejorativamente às ideias de desordem e de barbárie¹⁹. A apropriação desse pensamento em torno de valores da ordem e da civilização se constituía em verdadeira doutrina para Justiniano, e perpassava tudo o que ele escrevia em tom panfletário. A natureza desse pensamento também pode ser identificada no “Compendio de Geographia” em alguns de seus trechos. No tema referente a “GOVERNOS”, por exemplo, Justiniano tece os seguintes comentários:

Os governos dividem-se em quatro grandes classes primitivas: são monarchicos quando a autoridade está nas mãos de um só homem; são aristocraticos quando está ella confiada a uma classe especial privilegiada: theocraticos quando essa autoridade é exercida em nome de Deus e pelos sacerdotes: são em fim democraticos quando todos os cidadãos a exercem por si, ou a depositam nas mãos de seus escolhidos.

Da combinação desses governos formam-se os governos mixtos, geralmente chamados constitucionaes representativos. **Entra nesta classe o governo de nossa patria.**

A superioridade desses governos, demonstrada pela razão e pela experiencia, não é hoje contestada senão pela irreflexão e pelo fanatismo politico.

Uma sociedade de homens que vive debaixo do mesmo governo, tem o nome de **nação**; o **territorio** que uma nação occupa, quando seu governo é monarchico, chama-se reino ou império; quando democratico e aristocratico chama-se republica: se é mixto, toma o nome de elemento preponderante. (Grifos nossos).

Nota-se nitidamente a defesa de Justiniano pelo regime monárquico em contraposição a todas as formas de governo, sobretudo, à forma republicana, tão requisitada por muitos representantes liberais de todo o Brasil e vista como ameaçadora à unidade nacional pelos conservadores daqueles anos de regência. Também é no trecho acima que Justiniano argumenta a favor de uma noção de sociedade organizada em governo associada à ideia de nação e de território, algo tão útil à formação do Estado Imperial Brasileiro e à consolidação de seu território, um tanto ameaçado naqueles tempos de movimentos separatistas. Em outros termos, uma sociedade civilizada pressuporia a existência de uma nação e de um território. Tal ideia fica mais explícita no texto que o autor escreve sobre o tema “CIVILISAÇÃO”:

As nações ou são sedentarias, vivem fixas n’um território em que exercem o complexo de todas as industrias, ou são nômadas, e andam vagando pelos sertões: as nações nômadas são caçadoras ou pastoras, quando á caça que matam, ou ao gado que criam demandam a sua principal subsistencia, no primeiro caso acham-se os indígenas americanos, no segundo os Tartaros da Asia.

No estado primitivo das associações humanas, o homem semelhante ás feras, só reconhecia o predomínio da força: pouco a pouco obrigado pela necessidade á intelligencia, e esta foi ganhando

¹⁸ O que Chervel (1990) chama de vulgata. In: CHERVEL, A. *A História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação, n. 2, 1990.

¹⁹ Cf. Mattos (Op. Cit); MATTOS, Selma. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2000.

conquistas, e extendendo seu poder. Dahi a gradação da civilização: quando impera a força bruta o homem é bárbaro, e se vive nos mattos, selvagem: e pelo contrario tanto mais civilizado será, quanto maior predominio dêr á intelligencia e aos gozos que ella ministra.

Esse recurso mais direto utilizado por Justiniano para inculcar conceitos aos filhos da elite matriculados no Imperial Colégio aparece com ainda mais vigor quando o autor caracteriza o Império do Brasil. Assim, no que tange a descrição do país, Justiniano descreve como o dito “sertão” contrasta com os núcleos civilizatórios do Império, a exemplo do Município Neutro (Rio de Janeiro):

O interior do imperio ainda está occupado por varias tribus indigenas que não tem sido possível chamar á civilização e acostumar ás artes uteis da vida : incerto é, não só o numero dos membros que compõem cada tribu, mas tambem o numero dessas tribus ; apenas é conhecido o nome de algumas, o lugar de suas residências, e um pouco de seus costumes. Nomadas e barbaros, desconhecem quasi todas as artes da vida; e senão fôsse a abundancia immensa de productos do nosso uberrimo terreno, a miseria em que vivem, mais do que as avidas paixões do homem civilizado, já os teria extincto.

Essa caracterização a princípio despretensiosa, indica a construção da ideia de necessária ocupação/apropriação do território e da incorporação de um debate que ficaria em voga nas sessões do IHGB por um certo tempo: a importância de inserção dos indígenas na construção da nação brasileira²⁰.

Outros elementos do pensamento de Justiniano, de natureza conservadora, aparecem em outras partes da obra.

O Cristianismo como única religião verdadeira

Um dos traços do pensamento conservador de origem ibérica enfatiza a religião Católica como a mais verdadeira. Sem dúvida, o regime de padroado inserido desde antes do princípio do processo expansionista português fez com que os poderes monárquico e religioso se confundissem, acabando por influenciar a natureza católica do Estado Imperial Brasileiro, contrapondo-se ideologicamente à liberdade de credo e religião – embora nem sempre de forma enfática. Na obra didática de Justiniano, o juízo de valor prepondera na parte que apresenta as “Preliminares de Geographia Política”, em que também faz uma breve abordagem da importância da atividade humana na modificação do seu meio (quase teorizando sobre a relação sociedade-natureza), e particularmente no tema “Religiões”:

PRELIMINARES DE GEOGRAPHIA POLITICA: O HOMEM

A religião e a sciencia nos asseguram que o homem pertence a uma só família, bem que circunstancias inexplicaveis tenham introduzido notaveis variedades, que dividem em raças a grande familia humana, segundo suas origens, côres e feições distinctivas.

O homem é o principal habitador da terra. Divide-a elle, modifica-a, liga-a; emprega e regula as suas forças productoras; e assim com o seu trabalho intelligente e activo domina-a e a engrandesce, para mais assombrosa manifestação do poder e da grandeza do seu Creador.

(...)

RELIGIÕES

As diversas religiões ou são polytheistas, ou monotheistas. São polytheistas as que admitem mais de um Deus, como o paganismo dos Gregos e Romanos antigos, e ainda hoje a idolatria dos povos bárbaros. São monotheistas as que admitem um único Deus.

Trez são as principaes religiões monotheistas. O mahometismo ou islamismo, fundado sobre os livros sagrados do **pseudo-profeta árabe, Mahomet**; estende essa religião o seu domínio por quase toda a Asia e norte da Africa.

O judaísmo, religião revelada por Deus a Moysés, **e que teve de ceder à lei da graça, o christianismo.**

(...)

²⁰ KODAMA, Kaori. *Os índios no Império do Brasil. A etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. São Paulo: Edusp, 2009.

Em fim o christianismo, **essa religião a unica verdadeira**, que fundada pelo Redemptor dos homens na Judea, estende-se hoje por toda a terra, e domina especialmente na Europa e na America. Divide-se o christianismo em trez grandes ramificações: 1º o scisma grego, seguido geralmente na Grecia e na Russia; 2º o catholicismo romano, que é entre nós a religião do estado, e em fim 3º o protestantismo, que se subdivide em varias seitas, como a luterana, a calvinista, a anglicana, etc.
(Grifos nossos).

Em trecho posterior, ao descrever características religiosas do Brasil, Justiniano assim se coloca: “A religião catholica apostolica romana é a do estado, e a de quase todos os Brasileiros; são todavia toleradas todas as religiões, e protegido o seu culto, com tanto que seja em edificios destituídos de signaes exteriores do seu destino”.

Vários outros temas abordados por Justiniano em sua obra podem ser analisados tendo em vista os conceitos e valores de seu tempo, essa tarefa, porém, será destinada para outra oportunidade de trabalho.

Segue-se agora uma breve análise da obra didática escrita pelo Professor-autor Pedro José de Abreu.

Pedro José de Abreu, primeiro cátedra exclusivo de Geografia no Colégio Pedro II, e sua obra didática: *Elementos de Geographia Moderna e Corographia*

Diferente de Justiniano da Rocha, o professor-autor Pedro José de Abreu não se destacou como conhecida personalidade do século XIX, porém, no Colégio Pedro II sua participação no cotidiano acadêmico era intenso. Tendo sido o primeiro catedrático exclusivo da cadeira de Geografia daquela Instituição desde 1858, Pedro de Abreu assumiu, além das lições de Geografia e Cosmografia, encargos relativos aos concursos públicos, sendo, por exemplo, membro-responsável pela banca de examinadores do concurso para a Cadeira de Geografia e Cosmografia no ano de 1879. Além disso, era membro do Conselho Diretor do Colégio e, mais tarde, da Congregação, órgão colegiado que participava diretamente dos assuntos educacionais do Governo durante os últimos anos do século XIX e início do XX.

Mas o que realmente justifica a importância de Pedro José de Abreu como professor-autor é o fato de o mesmo ter escrito a obra de Geografia mais recomendada para o Colégio Pedro II no século XIX. Foram, como dito anteriormente, pelo menos 8 edições publicadas entre os anos 1860 e 1890. Dessas edições, apenas 5 foram encontradas em arquivos públicos: 2ª edição (1867); 5ª edição (1875); 6ª edição (1879); 7ª edição (1882); e 8ª edição (1885).

Por se tratar de largo período, seria de se presumir as influências e modificações que a obra escrita pelo referido professor-autor teria sofrido. Ora, até os anos 1870, a atmosfera intelectual gozava de um certo ecletismo filosófico²¹ sentido em vários escritos de época. No tocante à Geografia, permaneciam as influências da tradição clássica. Porém, a partir dos anos 1870 em diante é sabido que uma geração de intelectuais brasileiros influenciara bastante a visão de mundo e de Brasil que se queria construir²². No contexto político, passado o período de conciliação entre partido Conservador e Liberal, a construção do Estado brasileiro já não se encontrava no patamar das grandes ameaças internas. O que se colocava em jogo era o caráter retrógrado do regime monárquico em contraste com o progresso representado pelas ideias republicanas, reativadas sob a influência da doutrina positivista e outras. A dualidade entre um Brasil arcaico e um Brasil moderno passava a invadir os círculos de debates no país em diferentes esferas de expressão intelectual.

No campo das discussões curriculares, os anos pós-1870 passavam a aprofundar a contestação ao ensino de humanidades em favor do ensino científico²³, e no caso da Geografia, o que se

²¹ COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Ideias no Brasil (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

²² ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil*. Império. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002; VAINFAS, Ronaldo et al. *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

²³ ANDRADE, Vera Lúcia Cabana. *Colégio Pedro II – Um lugar de memória*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. Tese (Doutorado em História), 1999.

contestava era o seu teor demasiadamente descritivo e acrítico. A reforma do ensino e da Geografia chegara mesmo a ser aclamada pelo famoso Rui Barbosa, que militava por uma pedagogia moderna²⁴. Por outro lado, a influência de ideologias científicas como o neolamarckismo, o positivismo, o darwinismo confluíam nas ideias de mudança ou evolução adotadas por um inovado pensamento geográfico que se identificava como moderno²⁵. Esse era o panorama geral dos anos.

E como se apresenta a obra de Pedro de Abreu e a sucessão de reedições nessa conjuntura de mudanças do último quartel do século XIX?

Como dito anteriormente, das pelo menos 8 edições de “Elementos de Geographia Moderna” publicadas por Pedro José de Abreu, ver-se-á, a seguir, apenas a segunda e a oitava edições para efeito de comparação. Acredita-se que tenha havido mais de 8 edições publicadas, porém, exemplares posteriores à 8ª edição não foram encontradas, apesar da certeza de que a obra fora recomendada no Programa de Exames do Colégio Pedro II no ano de 1895.

Com base no que foi dito, observe abaixo o índice da 2ª (1867) e da 8ª edição (1885), respectivamente:

*LISTA DE ASSUNTOS DA 2ª EDIÇÃO (1867) DO “ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA MODERNA” DE
PEDRO DE ABREU*

²⁴ ROCHA, Genylton O. R. da. *Por uma Geografia Moderna na sala de aula: Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de geografia no Brasil*. Revista Mercator, V. 8 No. 15, Universidade Federal do Ceará, 2009.

²⁵ Cf MACHADO, Lia Osório. *Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)*. In: Iná Elias de Castro et al. (orgs.): *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2005.

- NOÇÕES GERAES (p.1)
- Divisão, Mares, Golfos e Estreitos da Europa, Asia, Africa, America e Oceania (p. 8)
- NOÇÕES GERAES (p.22)
 - Marés, Correntes, Campos e Montanhas de Gelo (p. 23)
 - Fundo do Mar, sua Elevação até a Superfície e o Exterior das Aguas (p. 24)
 - Praias, Ribas, Dunas, Peninsulas, Isthmos e Cabos (p. 24)
 - Planicies, Montes, Serras, Valles, Grupos e Systemas de Montanhas, Volcões, Neves Perpetuas e Geleiros, Massiços, Steppes, Desertos e Oasis (p. 25)
 - Lagos, Lagóas, Pantanos, Rios, Canaes, Bacias e Vertentes (p. 28)
 - Ilhas, Peninsulas, Isthmos, Cabos, Montanhas, Volcões, Massiços, Valles, Planicies, Steppes, Desertos, Vertentes, Linha de Divisão das Aguas, Lagos, Rios e Lagunas e Limites da Europa, Asia, Africa, America e Oceania. (p. 31)
- NOÇÕES GERAES
 - Divisão da Geographia. Figura. Crusta solida e dimensões da Terra. Nivel do Oceano, e distribuição de suas aguas e das terras. (p. 79)
 - Latitude e Longitude (p. 86)
 - Escala e Principaes Medidas Itinerarias (p. 86)
 - Clima. Sua influencia sobre a distribuição dos Vegetaes e Animaes na superfície da Terra (p. 87)
 - Superfície. População. Divisões que se empregão na descrição de uma Região. Governo e suas principaes Fórm. Estados Soberanos e Meio Soberanos. (p. 91)
 - Religião e suas divisões (p. 93)
- Divisão dos povos segundo seu desenvolvimento moral e aspecto exterior (p. 95)
- Países da EUROPA (p. 97)
- Países da ASIA (p. 156)
- Países da AFRICA (p. 188)
- Países da AMERICA (p. 214)
- Países da OCEANIA (p. 270)
- ELEMENTOS DE COSMOGRAPHIA
 - Cosmographia, Astros e sua divisão. Esphera Celeste (Pp. 1-2)
 - Estrellas propriamente ditas (Pp. 2-5)
 - Nebulosas (p. 5)
 - Sol (Pp. 5-6)
 - Cometas (Pp. 6-8)
 - Planetas (Pp. 8-13)
 - Aerolithos, Bolidos, Estrellas Cadentes e Luz Zodiacal (Pp. 13-14)
 - Systemas de Ptolomeu e Copernico. Leis de Kepler (Pp. 14-16)
 - Attractão e Repulsão (Pp. 16-18)
 - Figura da Terra (Pp. 18-22)
 - Rotação e Revolução da Terra (Pp. 22-24)
 - Circulos da Esphera Celeste e da Terra (Pp. 24-33)
 - Precessão dos Equinocios, Nutação e Variação da Obliquidade da Ecliptica (Pp. 33-34)
 - Estações (Pp. 34-41)
 - Posição da Esphera. Dias (Pp. 41-52)
 - Lua (Pp. 52-57)
 - Eclipses (Pp. 57-60)

LISTA DE ASSUNTOS DA 8ª EDIÇÃO (1885) DO “ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA MODERNA E COSMOGRAPHIA” DE PEDRO DE ABREU

- NOÇÕES GERAES (p.5)
- Divisão, Mares, Golfos e Estreitos da America, Europa, Asia, Africa e Oceania (p. 12)
- NOÇÕES GERAES (p.26)
 - Ilhas, Peninsulas, Isthmos, Cabos, Montanhas, Volcões, Massiços, Planicies, Steppes, Desertos, Vertentes, Lagos, Rios, Lagunas e Limites da America, Europa, Asia, Africa e Oceania. (p. 35)
- NOÇÕES GERAES (p. 77)
- Países da AMERICA (p. 95)
- Países da EUROPA (p. 155)
- Países da ASIA (p. 214)
- Países da AFRICA (p. 245)
- Países da OCEANIA (p. 270)
- ELEMENTOS DE COSMOGRAPHIA
 - Cosmographia, Astros, Nebulosas e Esphera Celeste (p. 3)
 - Estrellas (p. 5)
 - Sol (p. 9)
 - Planetas (p. 10)
 - Cometas (p. 15)
 - Estrellas Cadentes, Bolidos, Aerolithos e Luz Zodiacal (p. 18)
 - Systemas de Ptolomeu e Copernico. Leis de Kepler (p. 19)
 - Attractão e Repulsão (p. 21)
 - Forma da Terra (p. 23)
 - Rotação e Revolução da Terra (p. 27)
 - Circulos da Esphera Celeste e da Terra (p. 28)
 - Precessão dos Equinocios, Nutação e Variação da Obliquidade da Ecliptica (p. 37)
 - Estações (p. 39)
 - Determinação da posição dos Astros e dos lugares da Terra (p. 52)
 - Lua (p. 53)
 - Eclipses (p. 59)

Como se vê, a obra pouco sofreu alterações na disposição de seu conteúdo ao longo de vários anos. Em geral, é praticamente a mesma em todas as edições, tendo sido publicadas muito provavelmente em função do esgotamento das limitadas tiragens. Não há nada na obra que faça identificar uma mudança significativa no tratamento de seus assuntos. E a esse respeito, o que pode ser dito é que o teor descritivo da obra prepondera, e aquilo que se denomina “moderno” está muito mais para estratégia de divulgação do que propriamente para demonstrar uma geografia ou

pedagogia renovada. Trata-se de mais uma obra inscrita no que se denomina de “Geografia moderna em sua vertente clássica”²⁶.

Considerações Finais

A análise das obras didáticas aqui mencionadas não está completa. Ainda assim foi possível verificar alguns traços importantes relativos à vulgata da disciplina *Geografia*. Percebeu-se também que, nada obstante a obra de Justiniano da Rocha ser anterior a de Pedro José de Abreu, verificou-se nela importantes componentes do pensamento político e intelectual em voga na época de sua publicação, contribuindo assim para uma melhor compreensão dos significados encontrados em meio às suas lições de geografia

É de notar também que a obra de Pedro José de Abreu não sofreu significativas alterações em seu conteúdo, apesar do longo período em que esteve na lista das obras recomendadas para uso no Colégio Pedro II.

Anexos

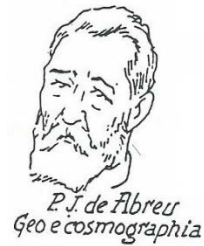
²⁶ Como assevera Silva (2012), In: SILVA, Jeane Medeiros. *A Bibliografia Didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)*. Uberlândia: UFU. Tese (Doutorado em Geografia), 2012.

Figura 1 – Justiniano José da Rocha



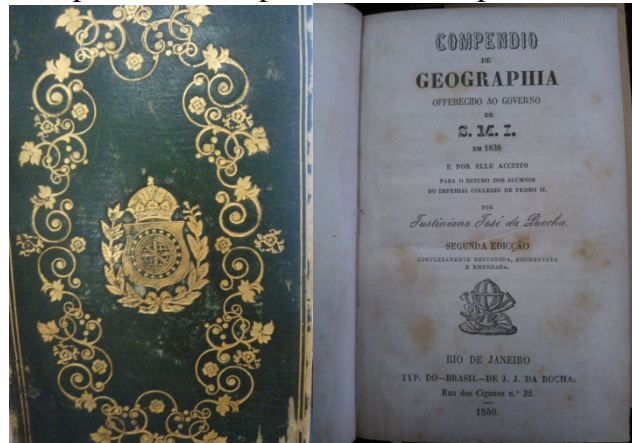
FONTE: Cardim, Elmano (1964); Magalhães Júnior, Raimundo (2009)

Figura 2 – Pedro José de Abreu



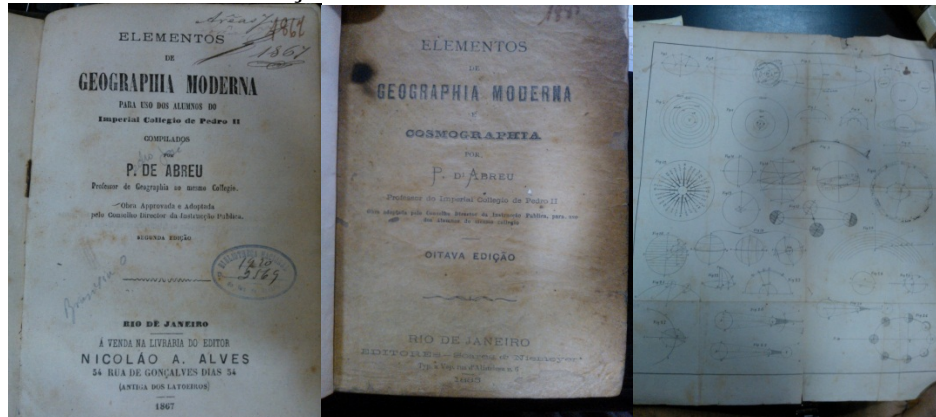
FONTE: ANDRADE, Vera Cabana (1999)

Registro fotográfico N. 1 – Capa e Contra-capa da obra “Compendio de Geographia”



Corrêa, Márcio Ferreira Nery (2011)

Registro fotográfico N. 2 – Capa da 2ª edição (1867) da obra “Elementos de Geographia Moderna”, Capa da 8ª edição (1885) da obra “Elementos de Geographia Moderna e Cosmographia” e gráficos anexados em todas as edições.



Corrêa, Márcio Ferreira Nery (2011)